

**SEDE SACIADA:
a perspectiva da busca ao encontro de Deus no Salmo 63**

Márcio Fernandes da Cruz^()*

Resumo

O Salmo 63 expressa a verdadeira relação de amor e zelo entre Deus e a criatura humana. A perspectiva da busca ao encontro de Deus nos revela que somos capazes d'Ele e só Ele é nosso auxílio contra os inimigos. A partir de uma análise exegética bíblica, espiritual e teológica, intentamos com este trabalho, abordar os principais pontos que marcaram a história de Israel, bem como a do poeta Rei Davi, ao escrever este magnífico salmo, no momento em que se encontrava perseguido por seus adversários. Sua sede em Deus, fez brotar em seu coração um imenso desejo de Deus, de modo que sua alma almejava ser saciada pela graça divina, como a água que sacia a sede, quando estamos no deserto ressequido de nossas vidas, diante das tribulações e perseguições, que não são poucas. Nada senão o Deus da vida pode nos socorrer e nos livrar de nossos inimigos. Só ele nos sustenta com mão poderosa, nos acolhendo, principalmente quando o invocamos, em qualquer momento de nossa existência. Saciar-se de Deus, é deixar-se transbordar pela sua graça, confiando em sua ação misteriosa e real, unindo-se somente a ele, a força que nunca decepciona.

Palavras-chave: Deus. Busca. Desejo. Alma. Davi.

Abstract

Psalm 63 expresses true love relationship between God and zeal and the human creature. The prospect of seeking to meet God, tell us what we're capable of it and it alone is our help against the enemies. From a biblical exegetical analysis, spiritual and theological intend with this work, addressing the key points that marked the history of Israel, as well as the poet King David to write this magnificent psalm, at the time was persecuted by his opponents. His thirst for God, did arise in your heart, a great desire for God, so that his soul longed to be filled by divine grace, as the water that quenches thirst when we are in the parched desert of our lives, before the trials and chases, which are many. Nothing but the God of life, we can help and deliver us from our enemies. Only he, with a mighty hand sustain us in welcoming, especially when invoked at any moment of our existence. Indulge yourself in God, is leaving to overflowing by his grace, trusting in his mysterious and real action, joining only to him, the force that never disappoints.

Keywords: God. Seek. Desire. Soul. David.

^(*)Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia de Boa Vista – FATEBOV. Especialista em Filosofia e Educação pela FATECE e em docência no Ensino Superior pela UNIASSELVI. Professor de Teologia e Filosofia na Faculdade Católica de Uberlândia. E-mail: marciofilos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Com base em uma análise exegética bíblica, espiritual e teológica, intentamos, com este trabalho, abordar os principais pontos que marcaram a história de Israel, bem como a do poeta Rei Davi, ao escrever este magnífico salmo, no momento em que se encontrava perseguido por seus adversários. O Salmo 63 expressa a verdadeira relação de amor e zelo entre Deus e a criatura humana. A perspectiva da busca ao encontro de Deus nos revela que somos capazes d'Ele e só Ele é nosso auxílio contra os inimigos. Todo o nosso ser, corpo e alma, deve procurá-lo, porque nossa vida só tem sentido se depositarmos toda nossa confiança naquele que confia em nós e também está sedento de nossa busca por ele.

Logo que após ter saído da caverna de Adulão e deixado seus pais em Moabe, no deserto de Judá, Davi compôs esse belo poema lírico, fatigado, tentando fugir de Saul, seu adversário. Ora, nessa ocasião, ouvindo os conselhos do profeta Gad, Davi e seus homens foram para os bosques de Judá. Ali também, o rei Saul, já irado por imaginar que havia pessoas no seu exército a favor de Davi, matou 85 sacerdotes do Senhor pelas mãos de Doeg, o edomita, pois o sacerdote Aquimelec havia suprido a Davi e seus homens (1Sm 21 - 22).¹

Isso incomodou Davi de tal maneira, que ele se sentiu culpado pela morte desses sacerdotes. De modo espiritual e sensível à presença de Deus, ele compôs esse salmo, que é um verdadeiro modelo de oração. Percebemos aí a expressão de alguém que realmente não só confiava no Deus, como também o via como fonte de toda busca espiritual. Assim, Davi parece se desprender da situação, uma vez que canta ao Senhor, revelando no salmo seu desejo ardente por Deus.

Para ele, Deus era o seu refúgio, o lugar mais forte do que os lugares em que ele se escondia (v. 1a). Não só sua alma tinha sede de Deus, mas seu corpo também o desejava, como terra seca (v. 1b).

Anteriormente, no (Sl 27), o rei já tinha dito que buscava uma coisa que vinha pedindo ao Senhor: que pudesse morar em sua Casa todos os dias de sua vida para "*contemplar a beleza do Senhor e meditar no Seu templo*" (Sl 27.4). Todavia, no Sl 63, Davi diz que já contempla o Senhor (v. 2). De fato ele buscou o que estava desejando. Ora, ele viu a força e a glória do Deus. Talvez, como para que se quisesse se consolar pela morte

¹ Ver Bíblia de Jerusalém, Paulinas, 1989.

dos sacerdotes, diz o salmista no v. 3 que a graça de Deus é melhor do que a vida (do heb. *Chasedeka* - amor, benignidade). Aqueles sacerdotes que morreram eram objetos do amor de Deus, por isso suas vidas (no heb. vida está no plural - *vidas*) eram importantes, sim, mas não maiores que o amor de Deus! Com isso, Davi tinha apenas que render-se ao Senhor e louvá-lo (v. 4).

Este rei poeta considera sua alma robusta, fortalecida (v. 5) e até no leito, que inclusive não tinha no momento, por viver afugentado daqui para ali, ele se recordava do seu Deus e sua boca se desdobrava em júbilo (v. 5,6). Deus se tornava o auxílio de Davi, uma vez que sua alma tornava-se uma com Deus.

O salmo 63 tem como característica de gênero literário “as súplicas”. Os salmos com este tipo de gênero, não cantam as glórias de Deus, mas dirigem-se a ele, e nisto diferem-se dos hinos. Geralmente, as súplicas começam com uma invocação, acompanhadas de um pedido de socorro, de uma prece ou de uma expressão de confiança. No corpo do salmo, procura-se comover a Deus, descrevendo-lhe a triste situação dos suplicantes, com metáforas, que são clichês e raramente permitem determinar as circunstâncias históricas ou concretas da oração. O salmo 63 encaixa-se como um salmo de súplica individual. São preces particularmente números e seu conteúdo é muito variado: além dos perigos de morte, das perseguições, do exílio e da velhice, os males de que pedem a libertação são especialmente a doença, a calúnia e o pecado. Os inimigos, dos quais se queixam ou contra os quais se irritam, são pouco definidos. Estas preces, na verdade, entram finalmente no uso comum, o que significa sua inserção no Saltério, sendo um fato, que elas foram compostas para tal pessoa, ou por tal pessoa, numa necessidade particular. São, pois, gritos da alma e expressões de uma fé pessoal, não sendo jamais puras lamentações, mas apelos confiantes a Deus na tribulação.

O salmo 63 é um poema que trata da profunda e íntima comunhão entre Deus e o poeta. Este por sua vez, recorda o tempo em que estava no Santuário, onde pôde ver a majestade de Deus e sentir o auxílio de sua graça, sabendo-se agora sob a proteção de Deus. Ora, seu pedido nostálgico é atendido por Deus, tornando-o capaz de compor um hino de louvor, o que lhe dá a certeza de que o julgamento cairá inexoravelmente sobre os adversários que tramam contra sua vida.

Este salmo deve ser entendido como um todo, dispensando-se as mais diversas propostas, feitas por uma possível crítica literária, de se lhe aplicar transposições ou eliminações de certos trechos.

O salmista, aqui compreendido como o próprio rei, é preenchido de alegria e agradecimento para com Deus, que outrora, em momentos de aflições, lhe consumira a alma e o corpo como que com o ardor da sede de peregrino exausto exposto ao calor do sol em deserto ressequido e sem água.

O amor de Deus é reconhecido pelo salmista, que expressa sua satisfação ao proferir sua gratidão neste belo hino. Em todo momento, pode-se perceber que o salmista parece possuir uma profunda intimidade com Deus. Todo o seu ser louva a Deus, com a certeza de que seu auxílio virá, sustentando toda e qualquer condição daquele que o invoca.

1 ISRAEL: cenário fundacional dos Salmos

Os Salmos são um terreno fértil da releitura que Israel fez de sua história na perspectiva da oração. A liturgia torna-se o palco da fé, iluminada pela história de um povo, que ousou o título de povo eleito. Será que Deus escolheu Israel dentre os povos para com ele fazer uma aliança eterna? O que são os Salmos históricos afinal? Ora, sua leitura não pode ser outra coisa, senão algo que justifique Israel como povo eleito.

Também o breviário, livro de orações da Igreja Católica, direciona as suas preces para afirmar que esta igreja é eleita por Deus para levar Cristo ao mundo. Os Salmos por sua vez, também possuem esta mesma finalidade em forma de oração e recordação da Aliança de Deus com o povo de Israel. Deus escolheu a “casa de Davi e o seu povo para levar aos povos a Lei” (Sl 78) e na outra. De modo geral, os Salmos são a síntese da Bíblia feita oração. Neles estão contidos a história de um povo com suas diversas experiências e fatos que lhes relacionam com Deus.

1.1 PARALELOS E PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS SALMOS

No que tange à fundamentação da esperança dos pobres, pode-se dizer que Deus é fiel e o povo é infiel. Ora, esta afirmação basta para definir a história rezada nos Salmos.

A história nos Salmos é uma lembrança e desejo de manter-se na Aliança. Dessa forma, muitos Salmos foram compostos no exílio e pós-exílio da Babilônia, como por exemplo, Salmo 63, objeto de nosso estudo.

Vários desses Salmos são reflexos do drama aí vivido. No Êxodo, a experiência da ação libertadora de Deus é um evento de suma importância que foi muito lembrada neste no livro dos Salmos e por isso, transformada em oração.

Alguns motivos relembram e sustentam este proceder: a lembrança constante dos fatos importantes da história; o desejo de responder aos apelos proféticos feitos na história; o reforçar a fé amorosa para com Deus; a vontade de reanimar a caminhada; a certeza que a Aliança com Deus não deve ser esquecida.

Contudo, os Salmos considerados históricos, por exemplo, rezam e trazem memória da história: ação de graças; angústia e confronto; mudança no comportamento de Deus para com o seu povo e sua promessa; meditação sobre o passado e infidelidade do povo; Deus relembra ao povo suas maravilhas feitas em seu favor no passado, lembrando ao povo suas maravilhas feitas em seu favor no passado; pedidos de auxílio por parte do povo oprimido; a benevolência de Deus, exaltando o seu poder, manifestado na criação e no passado; convite para servir a Deus com fidelidade; reconhecimento da infidelidade do povo; fatos passados que revelam o amor de Deus pelo seu povo; a libertação do Egito, e Hino Pascal; o Salmo alfabético, recorrendo à memória histórica, louva a Deus pelos seus feitos; a grandeza de Deus e suas maravilhas; a expressão de amor de Deus ao seu povo; recordação do passado para continuar a crer em Deus.

Todos estes aspectos salmódicos são na realidade, motivos históricos transformados em oração. Isso possibilita ao povo perceber todo o alcance da intervenção histórica de Deus.

É no livro do Êxodo que podemos encontrar o fato histórico mais lembrado. Também no Pentateuco, os Salmos históricos rezam esse evento como ato fundante da história de Israel.

O exílio da Babilônia significou a ausência total de luz para o povo de Israel. Ora, ele já não sabia onde poderia se apoiar e quais estruturas poderiam lhe favorecer. Tal experiência de trevas só deixou de existir quando os Salmos foram criados, para expressar a

confiança, a esperança e o amor de Deus que os levariam de volta á pátria distante e roubada pelo opressor.

Uma vez analisados, os Salmos mostram que na história não há um ponto de chagada, mas sim, contínuas partidas, as quais convergem sempre para o absoluto, isto é, o próprio Deus. O povo novamente converge para Deus, permanecendo diante de sua face nas experiências que a história lhes revela.

Assim, o Êxodo reforça a memória da experiência da Aliança como intervenção libertadora de Deus na história de Israel, modificando o modo de pensar e relacionar-se com Ele. Nesse sentido, fica claro perceber o modo como Israel expressa o seu profundo sentimento de pertença e confiança na ação salvífica de Deus, quando as imagens são capazes de refletir a esperança de um povo historicamente sofrido.

O salmista por sua vez, tem consciência de que Deus não necessita saber quais são seus atributos, mesmo desejando expressá-lo sempre para a sua recordação, para merecê-lo no caminho da Lei.

De modo contextualizante, podemos dizer que os Salmos pertencem à terceira divisão do Antigo Testamento hebraico e dividido pelos hebreus em cinco partes. A razão para isso é que entre eles era comum considerar um livro encerrado quando eram escritas as palavras "Amém, amém", pois tal afirmação era declaratória de um fim. Isso ocorre ao final dos Salmos 40, 71, 88 e 105, por exemplo, e para estes quatro livros eles acrescentaram um quinto alargamento do Salmo 106 ao Salmo 150.

Santo Tomás de Aquino, por exemplo, em seu comentário aos Salmos, divide o livro em três terços perfeitos. Esta distinção surge dos três estados do povo fiel, a saber: o estado de penitência, sendo que os primeiros cinquenta salmos, chamados de Salmo de penitência, terminam pelo Salmo 50, "Tende piedade de mim, Senhor". O segundo estado refere-se à justiça e consiste no juízo, e termina no Salmo 100: "Misericórdia e justiça". O terceiro conclui o louvor da glória eterna e, assim, termina no Salmo 150 com "Tudo o que respira louve o Senhor".

Os Salmos também sempre foram agrupados segundo seu uso litúrgico. Os antigos hebreus cantavam os salmos 119 a 133 (conhecidos como "Salmos Graduais", "Canções de Ascensão", "Canções dos Degraus" ou "Canções do Peregrino"), quando viajavam para

Jerusalém para celebrar a Páscoa e a Festa dos Pães Ázimos, na Primavera, Pentecostes, no Verão, e a Expição e os Tabernáculos, no Outono. Os salmos 112 a 117 são conhecidos como "Halel" (também como "Halel Comum" ou "Halel egípcio") e são cantados na noite de Páscoa, em Pentecostes, na Festa dos Pães Ázimos e na Festa dos Tabernáculos.

Assim, a Igreja Católica agrupa os Salmos para o Ofício Divino com base no dia da semana, mas como os salmos ficam divididos durante todos os dias, no prazo de uma semana, o Saltério inteiro é rezado, tal como nos expõe Basílio de Cesaréia, escrevendo sobre os Salmos:

"Toda a Escritura, inspirada por Deus, é proveitosa, pois foi escrita pelo Espírito como se fosse um hospital geral para as almas. Neles, nós podemos escolher um remédio para cada doença... Os profetas fornecem um tipo de instrução, os historiadores outro, a lei ainda outro. Mas o livro dos Salmos contém o que há de útil em todos eles. Ele profetiza sobre o futuro, recorda a história, legisla sobre a vida, sugere regras de ação, em uma palavra, é um depósito comum de boas doutrinas oferecendo o que é conveniente para todos... Há aí uma teologia completa: a previsão do advento de Cristo segundo a carne, a ameaça de julgamento, a esperança da ressurreição, o medo do castigo, as promessas da glória, revelações de mistérios: tudo, como em um grande armazém público, está guardado no Livro dos Salmos".

Os Salmos rezam a esperança messiânica de modo a criar uma estrutura de oração baseada na teologia da corte, ou seja, a ideologia que vem justificada com o poder libertador e dividido do rei.

Entretanto, as comunidades criaram salmos para que, rezando-os, pudesse sustentar a esperança que elas depositavam em Davi ou em um novo Davi como um pai eu lhe assegurava a salvação em Deus.

Há uma imagem de Deus nos Salmos de esperança messiânica. A oração acaba sendo a expressão de meu eu individualizado e socializado. Quando se fala para o outro, que é Deus, Deus mesmo acaba sendo moldado segundo uma concepção de vida.

Contudo, a imagem de Deus projetada nos salmos de esperança messiânica se resume pelo fato de Deus ser o rei por excelência de Israel e do mundo, escolhendo, assim, um ungido e elegendo-o como seu próprio filho, garantindo-lhe a presença deste ungido no trono, bem como, concedendo-lhe o poder de sentar-se à sua direita, sendo sacerdote para sempre, tendo os inimigos debaixo de seus pés.

Nesse sentido, Deus faz Aliança com seu povo, garantindo sua dinastia do escolhido para sempre, escutando-o e, sendo-lhe fiel, age contra os infiéis, tornando-se fonte de bênção para o seu ungido.

A história de Israel nos Salmos evidenciou uma história celebrada e reescrita, numa relação de Aliança amorosa entre Deus e o povo de Israel. Por isso, a história é lugar, por excelência, do encontro com Deus. É daí que nasce a oração como experiência do povo da Aliança, fundada em fatos históricos que se constituem como perspectiva de oração inteiramente nova, algo que não era comum entre os outros povos. Ao intervir na história, Deus possibilita aos israelitas, se sentirem envolvidos no plano da salvação, e recordam o compromisso assumido com Ele, desenvolvendo uma consciência de pertença.

Algumas Bíblias trazem em cada início de livro suas introduções com explicações contextualizadas. A Bíblia *TEB* (Loyola, 1995) por sua vez, nos diz que o saltério é inteiramente redigido em versos e que se deve haver um esforço por parte dos exegetas a fim de conservá-las na tradução original.

Assim, uma classificação que pretenda agrupar todos os salmos deve necessariamente admitir margem para o provável e até para o conjectural. Nesse sentido, existem três grandes grupos que denominam os salmos, a saber, os louvores; as orações de pedidos de socorro, de confiança e de ação de graças; os salmos de instrução.

Os louvores são sempre quase construídos num mesmo plano: um invitatório mais ou menos extenso (e às vezes uma simples exclamação) abre o salmo. Desse modo, o salmista interpela-se a si mesmo, ora apela à comunidade, a alguns de seus membros, ou às nações, à natureza, aos liturgos celestes, como no caso do Sl 148, por exemplo. Depois, o corpo do poema desenvolverá os motivos de louvor. Por fim, o salmo terminará com uma retomada da introdução, resumo dos motivos, fórmulas de bênçãos aos augúrios, com possibilidade de muitas variantes.

Existem também neste contexto salmódico, os hinos dirigidos ao Senhor da Aliança; os cantos do “Reino”; os cânticos de Sião; os salmos régios, que quase sempre glorificam os monarcas temporais de Jerusalém, por uma ocasião de sagração, aniversário de coroação, de casamento ou de vitória; as orações de pedido de socorro, de confiança e de ação de graças. Ora, estas orações têm em comum uma situação de angústia: o pedido de

socorro acompanha ou precede uma crise; a ação de graças descreve o desdobramento feliz dessa crise e agradece a Deus pela libertação.

Também os salmos de instrução são elementos sapienciais e didáticos que estão presentes nas famílias precedentes. Mesmo assim, alguns salmos têm por objetivo especial instruir, ou seja, a exemplo dos sábios, esses salmos utilizam o gênero proverbial, ou procedimentos escolares como o alfabetismo, a fim de facilitar a memorização; os textos litúrgicos; as exortações proféticas; os poemas sapienciais, que abordam assuntos como a felicidade ou a desgraça para os justos ou para os ímpios, e o tema da retribuição, dessa justiça que Deus não deveria deixar de aplicar aqui embaixo, e se não fosse o caso, talvez além.

A versão bíblica “*Bíblia do Peregrino*” (Paulus, 2006) nos afirma que na Bíblia hebraica, quase todos os salmos trazem um título que indica o autor; a circunstância e uma instrução musical. Trata-se de obras de eruditos, que tentaram muitas vezes situar historicamente o salmo correspondente, não pertencendo ao salmo original. Entretanto, outras tradições oferecem títulos diferentes.

No que se refere à classificação atual dos salmos, pode-se dizer que são classificados por gêneros literários. O gênero é definido pelo tema, desenvolvimento, recursos formais e pela situação em que nasce ou para qual é composto. De fato, nem todos os comentaristas coincidem na lista completa de gêneros e muito menos na classificação de cada salmo, devendo-se evitar neste aspecto o rigor e o reducionismo.

Quanto à linguagem dos salmos, não podemos desconsiderar sua importância. O saltério é uma síntese de todo o Antigo Testamento. Isso nos mostra a necessidade de ler os paralelos no seu contexto próximo e na sua relação com o salmo.

Em se tratando do texto hebraico dos salmos, este é com frequência diferente e duvidoso. Por esse motivo, o intérprete deve recorrer a hipóteses ou conjeturas, ou mesmo apresentar alternativas prováveis.

O orante dos salmos deve se apropriar dele de modo sincero e profundo, isto é, de seus sentimentos e expressões. Contudo, a expressão dos salmos é inteiramente uma linguagem concreta e, por esse motivo, não deve ser desconsiderado sua dimensão rica e simbólica.

Os salmos são um diálogo do povo de Deus do Antigo Testamento com seu libertador, criador, refúgio e proteção. Neles a alma israelita exprime seus sentimentos: louvor, adoração, alegria, confiança, súplica, aflição, angústia, arrependimento e até mesmo a ira e a impreciação. Daí a possibilidade de separarmos os Salmos em determinadas categorias.

No que tange aos títulos dos Salmos, 73 são atribuídos a Davi, doze a Asaf, onze aos filhos de Coré, e salmos isolados a Emã, Etã (ou Iditun), Moisés e Salomão.

Os títulos da versão grega nem sempre coincidem com o hebraico e atribuem 82 salmos a Davi. Ora, a versão siríaca é ainda mais diferente.

Tais títulos não pretendiam talvez, de acordo com a tradução da *“Bíblia de Jerusalém”* (Paulus, 1985), originalmente, designar os autores destes salmos. A fórmula hebraica empregada estabelece apenas certa relação do salmo com o personagem mencionado, seja por causa da concordância do tema, seja porque este salmo pertencia a uma coleção atribuída a ele.

Os “salmos dos filhos de Coré” pertenciam ao repertório desta família de cantores, como os numerosos salmos “do mestre de canto” (Sl 4; 5; 6; 8; etc) eram peças que o coro do Templo executavam. Havia assim, uma coleção de Asaf e uma davídica. Todavia, passou-se depressa a ver indicações de autor nestas etiquetas de procedência, fazendo com que alguns salmos de Davi recebessem um subtítulo, especificando a circunstância da vida do rei em que o poema foi composto.

Em fim, a tradição viu em Davi, o autor não só de todos os salmos que trazem seu nome, mas do saltério inteiro, considerando que os livros históricos atestam seu talento musical, bem como seu gosto pelo culto.

Entretanto, nem todos os salmos da coleção davídica são obras de Davi, mesmo esta coleção não podendo ser formada a partir de um núcleo autêntico.

Os salmos possuem um valor espiritual. Nesse sentido, não necessitamos alongar-nos, de tão evidente que é a riqueza religiosa dos salmos.

Todos os salmos foram escritos como preces do Antigo Testamento, quando o próprio Deus inspirou os sentimentos que seus filhos devem ter a seu respeito e as palavras de que devem servir-se ao dirigirem a ele.

No Novo Testamento, os salmos foram recitados por Jesus e por Maria, bem como pelos apóstolos e pelos primeiros mártires. Nesta perspectiva, a Igreja Cristã fez deles, sua prece oficial, sem alteração: seus gritos de louvor, de súplica e ação de graças, arrancados aos salmistas nas circunstâncias de sua época e de sua experiência pessoal. Ora, isso possui um caráter universal, por exprimir a atitude que todo homem deve ter diante de Deus.

Assim, sem alteração nas palavras, mas com um enriquecimento considerável do sentido: na Nova Aliança, o fiel louva e agradece a Deus que lhe revelou o segredo de sua vida íntima, resgatando-lhe pelo seu sangue de seu Filho, que lhe infundiu seu Espírito e, na recitação litúrgica, cada salmo termina com a doxologia trinitária do Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Nos salmos, as súplicas antigas de tornam mais ardentes depois que a última Ceia, a Cruz e a Ressurreição ensinaram ao homem o amor infinito de Deus, a universalidade e a gravidade do pecado, a glória prometida aos justos. Contudo, as esperanças cantadas pelos salmistas se realizam porque o Messias veio, reina e todas as nações são chamadas a louvá-lo através dos salmos e da vida.

1.2 TEXTO E COLEÇÃO DO SL 63

1 מִן מוֹר לְדוֹגֵר בְּהָיָו חוֹ בְּמִדְּ בַר יְהוֹדָה:
 2 אֵל הַיָּמִים אֵל לִי אֵת אֵשׁ חַרְדֵּי צָמָא אֵת לִי דָּגֵף שִׁי בְּמֹה לִי דָּ
 בְּשִׁירֵי בְּאַרְצֵי יֵה וְעַיִן בְּלִי־מַיִם:
 3 כֵּן בְּקִרְשׁ חַיִּיתִי לִךְ אֹת עֵינִי וּבְכַבֹּדֶיךָ:
 4 כִּי־טוֹב חֶסֶדְךָ מִן יַיִם שֶׁפִּי חַיִּי וְשִׁבְחוֹנֶיךָ:
 5 כֵּן אֲבָרְכֶךָ דָּ בְּחַיֵּי בְּשִׁמְךָ אֵשׁ כַּפִּי:
 6 כִּי מוֹ חֶלֶב יִדְשֶׁן חֶשֶׁן בַּעַד נַפְשִׁי וְשֶׁפִּי חַיִּי רִגְוֹת יִתְלַל־פִּי:
 7 אִם־זָכַרְתִּי חַיִּי עַל־יְצִיעַי בְּאֶשְׁמֵךְ רוּחַ אֶהְיֶה־בְּךָ:
 8 כִּי־יְהִי יִיחָ עֵינִי רְתָה לִי וּבְצֵל כָּנָף פִּיךָ אֲנִי:
 9 דָּבַר קָה נֶפֶשׁ שִׁי אֲחַרְדֶּךָ בִּי חֶמֶךָ כֵּה יִמְיָנֶיךָ:
 10 וְהִמָּלֶךְ יֵשׁ מִחַ בָּא לִי הַיָּמִים יִתְהַלַּל כְּלִי־הַנֶּשֶׁף בְּעַבְרָתִי כִּי יֵשׁ כֵּה
 11 יִגִּי רְהוֹ עַל־יְדֵי־חֶרֶב מִן נֶת שֶׁעַ לִיִּם יְהִי:
 12 וְהִמָּלֶךְ יֵשׁ מִחַ בָּא לִי הַיָּמִים יִתְהַלַּל כְּלִי־הַנֶּשֶׁף בְּעַבְרָתִי כִּי יֵשׁ כֵּה
 פִּי דוֹבְרֵי־שִׁקְרָה:

1.3 ANÁLISE LITERÁRIA

¹ מִזְמוֹר לְדָוִד בְּהֵיטוּל חַוֵּי בְּמִדְבַּר יְהוּדָה:

O v.1 deste salmo relata o momento em que o rei estava no deserto de Judá, recordando a grandeza e majestade do Senhor, tendo uma semelhança com o 1Sm, 24, 1ss.

² אֵלֹהִים אֵל לִי אֵתְּהָאֵשׁ חָרָה צָמָאָה לִּי וְנִפְשִׁי כִּי מָה לִּי
בְּשָׁרִי בְּאֲרָצְךָ יְהוָה וְעַתָּה בְּלִי־מַיִם:

No v. 2, pode-se perceber toda a grandeza daquilo que enche o orante de alegria para com Deus, destacando-se somente aquilo que vem colocado contra o pano de fundo da profunda saudade de Deus, que um dia, lhe consumira a alma e o corpo com o ardor da sede, em momentos de perseguições e aflições. Há aí um paralelo com o Sl 42s.

³ כִּן בְּקִרְשׁ חַיִּיתִיךָ לִךָ אוֹת עָנָה וּבְכַוְנָה:
⁴ כִּי־טוֹב חֲסִדֶּךָ מִן יַיִם שֹׁפֵךְ תֵּי וְשִׁבְחִי־נָךְ:

Já os vv. 3 e 4, entende-se “terra seca” como uma comparação e não como local de estadia do rei, aqui, considerado como poeta, como se percebe no v. 3. Prova disso, é que o rei, está carregado de saudade de Deus, o que o faz contemplar-lhe no santuário, no momento em que o próprio Deus revela seu “poder e sua glória”. Dessa forma, o poeta é agraciado com o dom do cumprimento de sua nostalgia, bem como a certeza de poder comunicar-se com Deus. Ora, a graça de Deus constitui o lado essencial da divina majestade “*Kabod*”, que se volta para o homem, sendo para ele o bem supremo, mais precioso do que todos os bens que vale a pena buscar, inclusive mais do que a própria vida. Esta graça enche o coração e todo o ser do poeta, a tal ponto que seus lábios se vêem urgidos a proclamar no louvor e ação de graças, aquilo que é o essencial do conteúdo do seu coração.

⁵ כִּן אֲבָרְכֶךָ דָּבָר חַיִּי בְּשִׁמְךָ אֵל שָׂא כָפְי:

O v. 5, narra a alma do poeta transbordando do espírito de Deus, o que se transforma em prece ininterrupta, confessada no louvor ao Nome de Deus.

6 כִּי מִן הַלֵּב הִדְלִיף תִּשָּׂא בֶּעַ נְפִשִׁי וְשָׁפַתַי הִי רֵגַן גֹּת יִהְיֶה לִּי פִי:
7 אִם-זִכֹּר תִּיָּדַע עַל-יָצוּעַי בְּאִשְׁמֵי רוּחַ אֱהַנֶּה-בָּדָד:
8 כִּי-יֵהְיֶה יִיָּת עִזִּי רָתָה לִּי וְכִּי צַל כֶּן פִּיִּד אֲרַגֵּן:

Contudo, os vv. 6-8, nos introduz numa contemplação da comunhão entre o poeta e Deus, como uma necessidade imediata, de saciedade de um alimento nutritivo e vital, que durante a noite lhe invade o coração, e a alma, tomando-lhe o pensamento, recordando-lhe de Deus, e suas maravilhas realizadas em sua vida, sendo protegido pela sombra do altíssimo. Os acontecimentos ocorridos com o poeta, durante sua permanência no Santuário, quando estava com Deus, lhe acompanham durante todos os momentos de sua vida cotidiana, uma vez que isto lhe penetra o mais íntimo de sua alma, dando-lhe possibilidades de viver uma vida totalmente voltada e unida para Deus, fazendo com que ele nunca se canse.

9 דָּבַר קָה נָפַשִׁי אֲחַבְרִיד בֵּי תָמָּ כֶּה יִמְיָגָד:

No v. 9, o poeta descreve seu apego profundo a Deus, com toda sua força de vontade.

10 וְ הַמָּוֶה לְשׂוֹאֵה יִבְקֶה שׁוֹ נְפִשִׁי יִבְאוּ בַתְּחִתָּה יוֹת הָאֲרָץ:
11 נְגִי רָהוּ עַל-יַד־חֲרָב מִן נָתַשְׁע לַיָּם יִהְיוּ:

É nos vv. 10 e 11 que podemos perceber, que a sombra divina se estende sobre a alma daquele que o invoca, tanto nos momentos felizes ou tristes, de perseguições. Tem-se aí, uma preocupação com os inimigos. Todavia, os que tramam contra a vida dos inocentes que confiam em Deus não escaparão de seu julgamento. Seus cadáveres serão, pois, entregues como presas aos chacais, o que nos recorda (Jr 7, 33), como ato de justiça imediata de Deus para aquele lhe recorre.

12 וְהַמְלִיךְ יִשָּׂא מִחַ בְּאֵל הַיָּם יִתְהַלֵּל כָּל-הַנֶּשֶׂא בְּעַ בּוֹ כִּי יִסַּ כֹּר
פִּי דוֹבְרֵי-שִׁקְרָה

Este último versículo, 12, é uma conclusão do nexos com o culto da comunidade javista, sugerida não somente pela alusão à presença de Deus sobre a arca da Aliança, mas também, pela menção do rei (poeta) e de “quem por ele jura”. Este salmo encerra-se

demonstrando a confissão de fé do poeta, no qual ele associa o seu interesse pessoal ao de toda a comunidade. Isso reforça o fato de que o neste contexto, o poeta se preocupa com sua comunidade, fiel a Deus e a ele mesmo, para preservar a pureza dos seus, bem com a fé, a qual seus membros comunitários, são responsáveis diante de Deus.

1. 4 GÊNERO LITERÁRIO

Este salmo é uma súplica podendo ser também um louvor, pelo fato de expressar as razões do poeta em louvar a Deus. Não se tem precisamente uma datação, mas segundo pesquisadores e exegetas, ele pode ter sido escrito ainda no período do Segundo Templo, na era monárquica.

Podemos perceber esta característica já no início do salmo 63, quando o poeta, em agradecimento, dá louvor a Deus desde a aurora, durante todo o dia, em forma de agradecimento, bem como á noite, quando recorda suspirando de saudades daquele que é o seu defensor.

Por sua característica, este salmo também pode ser considerado como um hino real de ação de graças, e ao mesmo tempo de súplica, sua principal característica, uma vez que o rei Davi, invoca o Senhor no Santuário, sedento de seu amor, e ansioso pela justiça que se acredita ser feita, agradecendo-lhe por seus benefícios, protegendo-o de seus inimigos.

O rei deixa claro que o “hesed” de Deus, vale mais do que sua própria vida, o que lhe faz transbordar a alma de alegria, uma vez que tem o Senhor com seu único auxílio e proteção. O louvor a Deus por parte do poeta (rei), deixa transparecer que todo o seu ser deseja a Deus assim como a terra ressequida, sedenta de água pura. Contudo, tem-se aí, um ato de total entrega e confiança plena em Deus. Percebe-se ainda, a grandeza de Deus e seu relacionamento gratuito com o homem, sua criatura que anseia pelo criador. É, pois, uma bela experiência de amor total e confiança expressada em forma de louvor.

1. 5 CORPOREIDADE

Podemos entender a relação de amor e confiança relatada neste salmo, como uma espiritualidade. É por este motivo que encontramos aí, uma densidade corpórea desta profissão de confiança entre Deus e o poeta (rei). Prova disso, são os verbos que compõem o contexto deste salmo, como, confiar, louvar, bendizer, recordar, esperar, meditar e contemplar.

A palavra madrugar significa esperar, estar em vigília de prontidão, o que demonstra uma ansiedade sadia do poeta (rei), pelo auxílio de seu Senhor. Todavia, ter sede e desfalecer, demonstra a entrega total de quem confia em Deus, aqui, no caso, o próprio rei, ao recordar que sua alma tem sede do Senhor, esperando que este o sacie como uma sôma que lhe protege do calor escaldante do sol.

A contemplação realça a necessidade do homem de se ver face a face com seu criador, enxergando sua grandeza e esplendor, bendizendo não só com os lábios, mas principalmente com o interior de seu coração. Estes sentidos projetam em Deus, símbolos corpóreos: sua mão poderosa que protege e cuida, seu dorso, que demonstra que os inimigos estão detrás d'Ele, e Ele por, por sua vez, está sempre à frente. Todos estes sentidos expressos neste salmo simbolizam a experiência espiritual que compromete toda a pessoa humana com Deus.

1. 6 A COMPOSIÇÃO

Segundo Luis Alonso Schökel (1992) em sua obra intitulada “Salmos I”, a estrutura do salmo 63 se desenvolve em três tempos e uma apêndice. Ora, os dois tempos se encontram bastante definidos: madrugar pela manhã e velar no leito. Aqui se entende o tempo ocupado pela contemplação e uma espécie de banquete, como atos de louvor.

Pela manhã o poeta se desperta antes do tempo, madrugando, com a garganta ressequida e desfalecendo de sede. Isso remete ao território seco, onde se deve parar para descansar e saciar a sede. Podemos perceber certa inclusão geral deste salmo entre a terra (‘eres) deserta, bem como sua profundidade no aspecto desértico, o que pode expressar também o medo da morte.

Durante a noite, no leito, o silêncio e a solidão afloram as recordações do dia, uma recordação única de Deus. Isso se prolonga num estado de vigília. Ocorre, portanto, uma adesão imediata a Deus.

O rei clama por justiça e tem a certeza de que será atendido, ao invocar o nome do Senhor, depositando nele toda sua confiança, esperando que seus adversários tenham o castigo necessário para calar suas bocas.

Várias oposições cruzam o tecido deste salmo. A sede e o Templo com a saciedade, a hostilidade humana frente à amizade de Deus. Aí, se complementam aclamações de louvor e sussurro de meditação. Ora, o desfalecer do homem ante a força de Deus, se transforma no gesto de elevação de toda a sua alma com profundo louvor.

1. 7 A SIMBOLOGIA

De acordo com o exegeta alemão W. Baudissin (1874-1927), o salmo 63 não é de forma alguma, uma página de teoria da oração, mas é um testemunho intuitivo e de vitalidade. É notório, o desejo de Deus, expresso pelo salmista (poeta). Sua alma suspira e anseia pelo Deus vivo. No entanto, Deus tem sede, que o homem tenha sede dele.

Os lábios do salmista louvam a Deus. A boca simboliza a forma de proferir ou cantar, bendizer as maravilhas do Senhor. As mãos se elevam dia e noite, direcionadas para o alto, em busca do altíssimo. O leito, local de repouso, expressa a tranquilidade e ao mesmo tempo a ansiedade, o medo da morte, bem como a espera pelo Deus vivo. Assim, todo o homem, com suas aspirações, seu coração, sua força, seu interior, estão voltados para Deus.

O santuário simboliza o local de agradecimento, de súplica, área sacrificial no tempo e no espaço, onde contém a Arca, centro vivo da presença de Deus.

Toda esta simbologia, representa a verdadeira meta do movimento mais espiritual que material nesta geografia da fé, tendo o Senhor ante todos os verbos de modo, o que nos é apresentado como sua potência (*'oz*), sua glória (*kabôd*), seu amor fiel (*hesed*), sua ajuda (*'ezrah*, v. 8), sua presença considerando a fé (*`ashar*, v. 9), sua destra, que sustém e conforta (*tamak*, v. 9), enfim, seus benefícios e salvação.

Além de possuir uma orientação espacial teológica possui, também, um tempo cronológico e espiritual. O salmista deseja, anseia e espera a salvação, o auxílio imediato em Deus, que virá em seu socorro.

2 ANÁLISE EXEGÉTICA, ESTRUTURAL E TEOLÓGICA

Pretende-se a seguir examinar o Salmo 63 a partir de uma perspectiva exegética, estrutural (literária) e teológica.

2.1 A EXEGESE

O desejo de Davi de estar com Deus é expresso logo no início do salmo (v.1a): “Ó Deus, tu és o meu Deus, eu busco a ti com afínco” (*'elohîm 'elî 'attâ 'ashahareka*). Essa é uma expressão de desejo de alguém que se vê privado daquilo que anseia, visto que, no v.2, ele se refere ao tabernáculo do Senhor que estava em Jerusalém, e que abrigava a arca, a qual, na fuga, Davi teve de deixar para trás (2Sm 15.24,25). Apesar de Deus estar em toda parte, Davi se refere à adoração do Senhor nos seguintes termos (v.2): “No tabernáculo santo eu te contemplo para ver tua força e tua glória” (*baqqodesh hazîtîka lir'ôt 'uzz^eka ûk^evôdeka*). Isso porque o tabernáculo e a arca simbolizavam a presença de Deus no meio de Israel como povo eleito. Para Davi, se afastar da arca era, também, se afastar do lugar especial em que Deus podia ser encontrado e adorado pelos israelitas. Esse afastamento foi extremamente doloroso para o salmista e seu desejo mais profundo era retornar à presença do Senhor.

A vontade de estar com Deus, pode ser vista no fato de que a ausência do tabernáculo e da arca, para o salmista, era pior do que outras carências óbvias de quem está no meio de um deserto em fuga a fim de salvar sua vida. A subvalorização de tais carências, em vista do desejo prioritário de estar com Deus, mostra a importância que Davi dava à necessidade de viver na presença do Senhor.

Primeiramente, Davi deseja o Senhor mais do que saciar a sede no deserto (v.1b): “Minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, em terra seca e árida, sem água” (*tsom 'â l^eka napshî kamah l^eka b^esarî b^e'erets-tsîyâ w^e'ayef b^elî-mayim*). Na verdade, o corpo de Davi devia estar desfalecido por falta de água, por ter de consumi-la de modo

racionado. Esse era um procedimento normal em uma travessia ou estadia em lugares desérticos. Porém, Davi lança mão desse anseio por água para se referir ao que realmente o preocupava: a distância da arca e da presença do Senhor. A distância dessa presença afligia Davi mais que a sede no deserto.

Posteriormente, Davi deseja o Senhor mais do que conservar sua vida. Sua fuga de Absalão e dos demais traidores se devia ao risco de ele cair nas mãos dos inimigos e ser morto. Estava no meio do deserto porque queria proteger sua vida. Mas nem a vida superava a importância de Deus para o salmista, que diz (v.3): “Porque o teu amor é melhor que a vida” (*kî-tôv hasd^eka mehayyim*). A palavra *hesed* (amor) é usada muitas vezes dentro do conceito das alianças para se referir à “fidelidade” de Deus de fazer o que prometeu para com o povo de Israel quando eles mereciam o oposto. No caso da aliança que Deus fez com Davi (2Sm 7.11-16), o *hesed* de Deus é a causa de ele garantir a descendência davídica no trono de Israel. Por isso, Davi o valoriza mais que sua própria vida. Se o salmista não tem certeza de quanto ainda vai viver, ele tem plena certeza de como vai viver até que a morte o encontre (v.4): “Por isso, eu te bendirei enquanto eu viver” (*ken 'avarekka b^ehayyay*).

Davi deseja o Senhor mais do que ter alimento (v.5). Entretanto, num deserto, o racionamento obrigatório para manter o grupo vivo não era apenas de água. A comida também era racionada. O profeta Ezequiel falou do que aconteceria aos moradores de Jerusalém ao sofrerem um cerco pelo exército babilônico assim: “Comerão o pão por peso e [...] beberão a água por medida” (Ez 4.16). Com Davi e seus homens, não devia ser diferente. Eles não se deleitavam mais das boas comidas a que estavam acostumados. Porém, se fisicamente Davi não se fartava de alimentos, espiritualmente ele se vê saciado, pelo que diz (v.5): “Minha alma se sacia como se comesse carne gorda e nutritiva” (*k^emô helev wadeshen tisba' nafshî*). Poderíamos nos perguntar com quê Davi se sacia. Desse modo, a resposta vem na sequência: “Pois com lábios exultantes, minha boca louva” (*w^esiftê r^enanôt y^ehallel-pî*). Em lugar de mastigar alimentos saborosos, a boca de Davi estava cheia de louvores ao nome do Senhor.

O rei poeta deseja a Deus mais do que o tempo de descanso (v.6): “Quando de ti me recordo em meu leito, eu medito em ti de madrugada” (*'im-z^ekartika 'al-y^etsû'au*

b^e'ashmurôt 'ehgeh-bak). Davi não está relatando um caso de insônia por causa de preocupações com o risco de morrer. Ele, em outro salmo escrito na mesma ocasião de fuga diante do golpe de estado de Absalão, diz que se deitava e descansava em paz: “Deito-me e pego no sono” (Sl 3.5a). Entretanto, quando pensava em Deus, ele não achava um fardo ficar meditando sobre o Senhor, ainda que seu corpo pedisse por descanso após um dia em circunstâncias adversas. Davi trocava o tempo de descanso a fim de se aproximar de Deus na meditação noturna.

Davi também deseja a Deus, mais que sua própria segurança. Ora, a segurança de um rei vinha do seu exército e das fortes muralhas de sua cidade. Quanto ao exército, Davi fugiu com um contingente reduzido que permaneceu fiel a ele. Quanto às muralhas, Jerusalém ficou para trás e agora estava sob o controle de Absalão, enquanto o salmista está desprotegido no meio do deserto. Ainda assim, Davi adora o Senhor e diz a razão do seu louvor (v.7): “Pois tu és a minha proteção” (*kî-hayîta 'ezratâ lî*).

Tal proteção é também descrita na forma figurada de uma ave que protege seus filhotes: “À sombra das tuas asas eu me regozijo” (*b^etse^l k^e nafeyka 'arannen*).

De igual modo, se para Davi Deus valia mais que a proteção de uma muralha, também valia mais que a espada empunhada dos seus soldados, visto que diz (v.8): “A tua mão direita me sustenta” (*tamkâ y^e mîneka*).

Isso nos mostra a verdadeira vontade de Davi de estar na presença de Deus, vendo-o como fonte da alegria e segurança, ao mesmo tempo que sabe que os inimigos não são capazes diante do soberano (vv.9-11).

Temos aqui uma verdadeira oração de confiança que faz comparação aos salmos 4, 16 e 62. O final (10-12) coloca a oração numa situação de perigo. Mas o lugar é o templo, onde o orante vive a intimidade com Deus.

Não convém chamar “espiritual” essa intimidade, pela intensidade corpórea da prece; uma corporeidade que é ao mesmo tempo real e simbólica.

Assim, madrugar, ter sede e desfalecer, saciar-se, estar à sombra de, estar no leito, contemplar, falar com a boca, erguer as mãos, apegar-se a alguém, sentir o contato de uma mão. Ver, saborear, tocar, aclamar: é interessante a ausência de escutar.

Os sentidos funcionam em sentido próprio, mas transcendendo simbolicamente o puramente sensível. Os olhos vêem o templo, e nele contemplam a glória de Deus; a garganta tem sede de Deus; a carne desfalece... por Deus; toca a mão direita... de Deus; liga-se após ele em proximidade imediata. Toda a pessoa está comprometida na experiência espiritual. Pode-se falar de um precursor da “aplicação de sentidos”.

Este poema se desenvolve em três tempos: manhã, tarde e noite. Bem de manhã acorda num lugar solitário, com a garganta seca, com sede de Deus. O dia é tempo de contemplação e de banquete. De noite, na cama, afloram as lembranças: de ti, de Deus. Os três últimos versículos são apêndice indispensável ou são chave de compreensão? No segundo caso, teríamos de pensar no rei perseguido e em perigo, que fala na primeira pessoa e na terceira; ou então num sacerdote ou pessoa particular, ameaçada de morte. Ambos buscam asilo no templo e aí lhes é comunicada a intimidade de Deus.

O termo *lhym*, reaparece só no final do salmo, substituído pelo sufixo pronominal *madrugo* (vigiar), assim como no Sl 78,34 e em Is 26,9 e em Os 5,15.

Há uma palavra *nps*, que se encontra entre duas forças de atração, contrapondo-se a *bsr*, que pode designar o elemento consciente ou espiritual, segundo Ez 37,8 e Jô 10,11. Em tal caso, o sentido resultante é que o salmista, em sua alma e corpo louva a Deus. Ora, unida a sede *nps* designa mais bem a garganta, donde se sente a sede, não oferecendo a vertente material da imagem. Todavia, é possível que o salmista tenha desejado esta palavra numa zona indefinida, crepuscular.

O vocábulo *Kmh* é o único no Antigo Testamento, significando ansiedade, em consonância com *yp* (fadiga) ou a sede que a causa. O Sl 143,6 cita livremente: “minha alma como um terreno tem sede de ti”. O termo “sem água” explica os termos *syh* ou *yp*.²

A contemplação, *hzh* e *r'h*, é vazia sem a glória de Deus. O salmista deseja ver a glória de Deus, apreciar sua bondade, sua lealdade. Assim, a mão de Deus lhe cobre, sustentando-o a todo o momento.

² Com a imagem do deserto que precisa da chuva para encher-se de vida, o salmista mostra como sem Deus não existe verdadeira vida. Enquanto vier, quer sentir a proteção divina e cantar os louvores de Deus.

Não obstante, a lealdade, a misericórdia valem mais do que a vida. Dessa forma, o salmista reconhece que o amor de Deus, bem como sua misericórdia, vale mais que sua própria vida. Por toda a sua vida, o salmista louvará o Senhor, rejeitando as obras das trevas.

Em se tratando do “banquete”, percebemos a importância sacerdotal, e o privilégio de sentar-se à mesa, convidado por Deus, uma festa de sacrifícios agradáveis a ele, da mesma forma que o sacerdote oferece o sacrifício em ação de graças.

A noite, é vista como um tempo de reflexão. É aí, que o salmista medita em Deus, à Lei, expressando o caráter pessoal deste salmo.

A palavra hebraica *Kî*, representa o auxílio de Deus, no combate ao inimigo. Contudo, o salmista deixa claro que o Senhor, castigará seus inimigos, com mão forte, muito mais poderosa que o corte de uma espada afiada, jurando verdadeiramente por si mesmo, o que equivale a uma confissão de fé, sendo contrário aos que defendem a mentira jurando falso.

2.2 ESTRUTURA

Quanto à estrutura, o salmo 63 se divide em três grandes blocos, que expressam a grandeza e característica do canto de súplica e louvor, apresentados pelo salmista de forma exegética, segundo a tipologia davídica, no período do Segundo Templo na era monárquica. Trata-se de um evento, um elemento genérico, perceptível desde o primeiro versículo, no período em que o Rei Davi, angustiado, vagava no deserto de Judá.

¹Salmo. De Davi, quando ele estava no deserto de Judá.

¹ מִן מוֹר לְדָגָד בְּהֵיז תוּ בְּמִדְּ בַר יְהוּדָה

2Ó Deus, tu és meu Deus, eu te procuro.

Minha alma tem sede de ti,
Minha carne te deseja com ardor,
Como terra seca, esgotada, sem água.

(vv.2-4) אֵל הַיָּם אֵל לִי אֵתָה אֲשֶׁשׁ חַרְדָּה צָמָה אֶה לְךָ נַפְשִׁי כָּמֹה לְךָ
בְּשָׂרִי בְּאַרְצֵי יָהּ וְעַיִן יָהּ בְּלִיָּמִים:

canto da sede de Deus

3Assim, eu te contemplava no santuário,
vendo o teu poder e a tua glória.

כִּן בִּקְדֹשׁ חַיְתִּיךָ לְךָ אוֹת עֵינֶיךָ וּבְבוֹדֶךָ

4Pois tua graça é melhor do que a vida.
Meus lábios te glorificarão.

כִּי טוֹב חַסְדְּךָ מִן הַיַּם שֶׁפִּי תִי יִשְׁבַּחונֶךָ:

5Assim, vou te bendizer em toda a minha vida
e em teu nome levantar as minhas mãos.

כִּן אֲבָרְכֶךָ בְּחַיֵּי בְּשִׁמְךָ אֵל שָׂא כַפָּי:

canto da fome de

6Eu me saciarei como de óleo e gordura,
e com alegria nos lábios minha boca te louvará.

כִּי מִן חֶלֶב וְדֶשֶׁן חֵשֶׁב בַּעַ נְפֹשִׁי וְשִׂפְתֵי תִי רִנָּה נוֹת יְהַלְלֶנִּי:

Deus (vv.5-9)

7Quando te recordo no leito,
passo vigílias meditando em ti;

אִם-זִכְרֶךָ תִּידָע עַל-יְצוּעַי בְּאַשְׁמֵי רוֹת אֶהְגֶּה-בְּךָ:

8pois foste um socorro para mim,
e, à sombra de tuas asas, eu grito de alegria;

כִּי-יָהּ יִיחַ עֵז רְחֵם לִי וְכָל צָל כַּנְּפֵיךָ אֲרַנֶּן:

9minha alma está ligada a ti,
e tua direita me sustenta.

9 דָּבַר קָה נַפְשִׁי אֶחְרִיד בִּי תָמָּ כִּה יִמְיָנֶד:

10 Quanto aos que me querem destruir,
irão para as profundezas da terra;

10 וְהַמָּוֶה לְשׂוֹאָה יִבְקֶה שׁוֹ נַפְשִׁי יָבֹאוּ בְּתַחַת יוֹת הָאָרֶץ

11 entregues à espada
e vão tornar-se pasto dos chacais.

11 יִגְיִי רָהוּ עַל־דִּיר־חֲרָב מִן נֹת שֶׁעַ לִים יִהְיוּ:

12 Mas o rei vai alegrar-se em Deus;
quem por ele jura se felicitará,
pois a boca dos mentirosos será fechada.

12 וְהַמֶּלֶךְ יֵשׁ מִח בָּא לֵהִים יִתְהַלֵּל כָּל־הַנֶּשֶׁבַע בּוֹ כִּי יֵס כֹּר
כִּי דוֹבְרֵי־שָׁקֶר:

*Canto do Juízo de
Deus (vv.10-12)*

O v. 2 constitui quase um enunciado musical, poético e espiritual de forma completa, bem como o movimento interior do salmo 63. Naturalmente, o protagonista é Deus (*Elohîm*), o “meu Deus”. Tem-se aí, sua misteriosa ausência-presença que se associa à presença dramática do fiel, diante de seu grande interlocutor: alma, (*nefesh*) e carne (*basar*), frágil e sedenta por água. Isso faz com que a alma do salmista proclame: “a minha alma tem sede de ti, como terra seca, e as minhas mãos se elevam a ti”. Todo o coração do salmista está sedento de Deus.

A palavra ‘alma’ (*nefesh*) é bivalente. Seu sentido fundamental como em outras línguas semíticas, é “garganta, goela, laringe”. Esse sentido fisiológico é característico da antropologia do Antigo Testamento. Pode ser tida como desejo; apetite; aspirações; busca de Deus; Deus pode ser seu objeto de desejo, de anseio. Contraposta a ‘carne’ (*basar*) designa consciência; unida a sede, indica a garganta. Designa também o ser humano em sua corporeidade e, com isso, em sua fugacidade. É, pois, sinônimo da fraqueza humana, bom como vulnerabilidade em relação ao pecado. “Numa terra seca”: alguns manuscritos leram “como”; define o homem em sua totalidade e em sua duplicidade psicossomática.

A condição carnal do homem parece, aos olhos de alguns, uma inferioridade, e até mesmo um mal. Tal ideia só deriva indiretamente da Bíblia. Pois esta jamais considera a carne como intrinsecamente má; sua maneira de julgar se esclarece não por alguma especulação filosófica sobre a natureza humana e sem à luz da revelação: a carne foi criada por Deus e assumida por seu Filho. Nesse sentido, a carne é transfigurada pelo Espírito de Deus, e é por isso que o cristão pode dizer “Creio na ressurreição da carne”.

Deus deseja que o homem tenha fome sede dele e o busque dia e noite sem cessar. Saciar-se de Deus é o desejo do salmista, que recorda o grande banquete e os alimentos fartos, próprios de uma ceia, preparada pelo próprio Deus.

Isso expressa o abandono total da criatura ao criador. Toda a confiança é depositada no Senhor, a todo o momento seu amor é recordado.

Deus faz justiça aos que são perseguidos. Todavia, por ser um salmo de súplica e ao mesmo tempo de louvor, o salmista expressa a confiança no seu Deus, esperando sua justiça, desejando que a mão poderosa do altíssimo caia sobre seus perseguidores, mais pesada e mais cortante que qualquer espada afiada. Dessa forma, o salmista jura pelo Senhor Deus, mas parece haver uma ambigüidade, sobretudo quando não fica claro, o fato dele jurar por si mesmo ou pelo Deus vivo (v.12).

2. 3 TEOLOGIA

De acordo com Luis Alonso Shökel (1996), vários Padres citam à propósito do v.9, uma frase de 1Cor 6,17: “Estar unido ao Senhor é ser um só Espírito com ele”: *“ho kollomenos to Kyrio, hen pneuma estin”*. Também, o próprio Santo Agostinho cita R8,35: “Quem poderá nos afastar do amor de Cristo?”. Estas são, pois, chaves de leituras cristológicas que podem ter o salmo 63 como paralelo.

A corporeidade de experiência e linguagem deste salmo, adquire novo realismo quando o Filho de Deus se faz homem como nós. A destra de Jesus, sustentando Pedro que fraquejando, desconfia da capacidade do seu mestre; a última ceia de Jesus com João, reforça o fato de o próprio João ter sido com os outros discípulos, seus comensais antes e depois da ressurreição, e os faz sentir a proteção de suas asas: “Quantas vezes ele quis reunir seus filhos, assim como a galinha reúne seus filhotes embaixo de suas asas” (Mt 23,37).

Todavia, Cristo teve sede por nossos caminhos e se sentiu desfalecer. Em sua vida e com sua própria vida, ele bendizia ao Pai. Da mesma forma, na Igreja que é seu Templo de pedras vivas, devemos contemplar sempre seu poder e glória, uma vez que ele ressuscitou.

O homem não só é chamado para a saúde física e histórica, ele também é chamado à comunhão com o infinito e o eterno. Há nele um desejo de Deus que faz com que ele se torne inquieto, como de acordo com uma expressão famosa de s. Agostinho – “até que essa ansiedade não se apaga”.

Nesta vocação para a vida divina é dedicado Salmo 63. Muitas vezes, definida como "o canto do amor místico", este poema maravilhoso é uma celebração de um abandono total a Deus, expressa na intensidade de um anseio quase físico que não pode encerrar se não no destino sonhado, esperado. O retrato da pessoa é justamente o de uma criatura de uma alta tensão para Deus, a oração é entendida como "desejo" como "sede", porque a alma física e espiritual, corpo, vida, história, rejubila de anseio pelo Deus vivo.

É quase uma necessidade fisiológica e ser humano: "A sede expressa o desejo de uma coisa, mas um desejo tão intenso que vamos morrer se permanecer livre", escreveu Teresa de Ávila, em seu caminho da perfeição.

Situado a três diferentes tons literários entrelaçadas (confiança, oração, hino) e o fundo do templo, Salmo 63 parece se desdobrar em quase três canções, tudo repleto de símbolos vivos: a canção de sede (vv. 2-4), a canção da fome (vv. 5-9) e que do julgamento divino (vv. 10-12). Seguimos, então, esta trilogia em seu balanço místico doce.

2. 4 A PERSPECTIVA DO CANTO DE SEDE

Para Gianfranco Ravasi (2002), a sede é um desejo instintivo, elementar, quase animal, radical, total e tem sido usada simbolicamente para a experiência espiritual, já a partir do Salmo 42,2-3 bonita “como um cervo anseia por água coesa, assim a minha alma suspira por ti, ó Deus, minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando entrarei e verei a face de Deus?”

[...] Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco, tem sede de você minha alma, minha carne desmaia por ti, como uma terra seca, cansada, sem água. Então eu olhei para você no santuário, por sua força e sua glória. Para o seu amor é melhor que a vida, os meus lábios te louvarão.³

Como a terra seca da Palestina é morta sem a chuva e gosto, com rachaduras em sua superfície, parece ser uma boca seca e sede, de modo que o crente precisa de Deus por estar vivo, mesmo que apenas de existir. Deus, então, de acordo com a famosa imagem da água viva (Jr 2.13: "a mim me deixaram, fonte de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas"), torna-se a água que saciou a sede do deserto e da história fecunda do humano .

Existe uma notável particularmente para a nota. A teologia clássica de Israel usada como uma medida da vida divina bênção fundamental longa e frutífera, a unidade de medida de nossa oração é, ao invés da "graça", a fidelidade amorosa de Deus Este é o bem supremo, que a própria vida terra. "Esta separação de graça e de vida - escreveu um famoso exegeta, G. von Rad - teólogo alemão, é algo inteiramente novo em Israel, que significa a descoberta do mundo espiritual como uma realidade para além da transitoriedade do mundo material." O autor do Sl 73 vir a este objetivo: "Além de você Eu não quero nada na terra ... Deus é a minha porção para sempre ... O meu bem é estar perto de Deus" (v. 25.26.28).

2.5 A FOME NOS LOUVORES DO SALMISTA

Aqueles que o encontro com Deus perde o pesadelo da fome, saciedade tem total: na linguagem do salmo é uma alusão ao banquete sagrado, característica do "sacrifício de comunhão." Todo o ser é atualizada pela comunhão com Deus: mesmo aqui, usamos uma palavra hebraica já no verso anterior: Garganta, alma, ser vivo (*nefesh*) é o mesmo que significa:

[...] Minha alma serão preenchidas à medida com um banquete, e com alegria a minha boca deve elogiá-lo. Quando na minha cama, eu lembro de você e penso em você nas vigílias da noite, para você ter sido o meu auxílio, Alegro-me à sombra das tuas asas. Para você minha alma se apega e sua mão direita me sustenta.⁴

O poeta usa a frase literalmente no v.6, "gorda e de gordura", ou "carne suculenta", "banquete" para produzir uma imagem de abundância, quase sensorial. Mas o verso inteiro,

³ Ver Bíblia de Jerusalém, 1989.

⁴ Ver nota 2.

então se funde com uma noite hino meditação, cheio de admiração a proximidade de Deus que é experimentado no templo. As "asas" de Deus são, de fato, o sinal da arca, a sede da presença dos deuses santos, simbolicamente representado pelas asas dos querubins. Encantador é o verbo hebraico usado no v. 9, que seria literalmente ser traduzido como: "o meu ser se apega a você." O verbo hebraico traduzido por "aperto" é quase "stick", l "'join", o "pau" dos fiéis ao seu Deus em um abraço amoroso.

2. 6 A MÃO DE JULGAMENTO

O último verso parece ser de julgamento e celebra Deus que é conduzido através do submundo, sua espada, e os chacais, os instrumentos de ação divina pela justiça cósmica, tal como conferimos no v. 11: "Aqueles que buscam a minha vida descer às profundezas da terra, será entregue ao fio da espada, tornar-se presa dos chacais".

A maldição, algum imprevisto, neste poema místico de grande intensidade, que serve para iluminar por contraste, a fé bíblica que não é só o amor apaixonado por Deus, mesmo luta implacável contra o mal.

Neste salmo percebe-se algumas combinações, ou seja, o básico de sentimentos, amor e raiva, a paixão pela boa e punição do mal. É nesta luz que o salmo deve ser tomado também do cristão na sua totalidade, para além apenas do tom real de hostilidade contra inimigos pessoais, por outro lado, sabemos que para ser uma maneira de expressar Oriental.

O texto como um todo continua a ser um testemunho de alta espiritualidade e poesia. E, como tal, é usada na liturgia ortodoxa da Eucaristia na parte da manhã e no cânone da Armênia (vv. 3-6). Gregório de Nazianzo, grande Padre da Igreja da Capadócia, comentários sobre o v.2: "Deus tem sede que tenhamos sede dele".

3. ANSEIO PELA BUSCA DE DEUS

Em meio às perseguições de adversários cruéis, o salmista se volta para Deus e expressa o desejo de andar em sua constante companhia:

[...] eu te busco incessantemente; a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água”. Justamente por reconhecer que apenas no Senhor pode estar seguro, o poeta não quer se afastar dele: “A minha alma apega-se a ti; a tua mão direita me sustém”. Permanecer ao lado do seu Deus é a melhor garantia da vitória contra os perseguidores: “Aqueles, porém, que querem matar-me serão destruídos”.⁵

3. 1 NO DESERTO, À PROCURA DO DEUS VIVO

Ao invocar o Deus vivo, o salmista se recorda de sua bondade proclamando e reconhecendo que Deus é o único senhor de Israel; um Deus poderoso e que age. O ato de invocação a Deus significa evocar sua extraordinária vitalidade, seu ardor absorvente “que não se fatiga nem se cansa” (Is 40, 28).

Deus é fonte da vida. É nesta perspectiva que o salmista ao aclamá-lo no momento de perseguição, compõe este belo salmo.

Embora seja toda vivida na terra, essa vida de resto não se alimenta em primeiro lugar dos bens da terra, mas do apego a Deus. O amor de Deus “vale mais do que a vida” (Sl 63, 4). Esta realidade é reconhecida pelo salmista ao expressar seu desejo de viver em Deus, às sombras de suas asas, recolhido, protegido, principalmente quando ele afirma que sua vida é nada diante do amor de Deus.

O salmista sente grande prazer em estar na constante presença do Senhor (V.v 1-8). Contudo, permanecer na presença de Deus, significa obter vitória garantida sobre os inimigos, o que nos prova o imenso desejo de satisfação do poeta deste salmo, principalmente quando se reconhece a glória divina e se experimenta seu amor.

3. 2 O DESERTO, ESPAÇO DO ENCONTRO

No Antigo Testamento, por suas condições geológicas e situação geográfica, o Egito, Canaã e a Mesopotâmia estiveram confrontados, desde os tempos mais remotos, com o fenômeno do deserto (*midbar*), ‘campo, sertão’; e (*’arabah*), que através dos milênios pôs em perigo, mas também fecundou a vida nas regiões de terra cultivada. Entretanto, o deserto puro geralmente é de pedra, não de areia. As zonas entre ele e a terra cultivada

⁵ Ver Bíblia TEB, Loyola, 1995.

desde sempre foram regiões em que era possível levar uma vida independente, separada da cultura sedentária. Aí desenvolviam-se leis inteiramente próprias, socioeconômicas e religiosas, em muitos pontos diametralmente opostos às da cultura consolidada, seja, agrária, seja urbana.⁶

O sentido religioso do deserto vai em direções diversas, conforme se pense num lugar geográfico ou numa época privilegiada da história da salvação. Na primeira perspectiva, o deserto é uma terra que Deus não abençoou: a água aí é rara, como no jardim do paraíso antes que chovesse (Gn 2, 5), a vegetação é miúda, a habitação impossível (Is 6, 11); fazer dum país um deserto equivale a torná-lo semelhante ao caos original (Jr 2, 6; 4, 20-26), e é o que merecem os pecados de Israel (Ez 6, 14); (Lm 5, 18); (Mt 23, 28). Nessa terra estéril habitam demônios (Lv 16, 10); (Lc 8, 29; 11, 24), sátiros (Lv 17, 7) e outras bestas malfazejas (Is 13, 21; 14, 23; 30, 6; 34, 11-16); (Sf 2, 13s).

Em suma, nesta perspectiva, o deserto, terra salgada, é o oposto da terra habitada assim como a maldição é o oposto da bênção.

Este é o ponto de vista predominante na Bíblia acerca do deserto, ou seja, Deus quis fazer seu povo passar por uma “terra horrível” (Dt 1, 19) para fazê-lo entrar na terra em que correm leite e mel. Esse acontecimento irá transformar o simbolismo anterior. Se bem que o deserto conserve sempre o seu caráter de lugar desolado, ele evoca antes de tudo uma época da história sagrada: o nascimento do povo de Deus.

O simbolismo bíblico do deserto, portanto, não se pode confundir com alguma mística da solidão ou da fuga da civilização; não visa um retorno ao deserto ideal, da qual o êxodo de Israel é a figura definitiva.

Uma vez que Deus deixa perecer no deserto todos os que se endureceram na sua infidelidade e falta de confiança, nem por isso abandona o seu plano, e tira o bem do mal.

[...] Ao povo que murmura dá ele um alimento e uma água maravilhosos; se tem de castigar os pecadores, oferece-lhes meios inesperados de salvação, como a serpente de bronze (Nr 21, 9). É que Deus sempre fez brilhar sua santidade e sua glória (20, 13). Esta se mostrará sobretudo quando, com Josué, um verdadeiro povo entrar na Terra prometida. Esse triunfo final permite ver no deserto não tanto a época da infidelidade do povo quanto o tempo da

⁶ Ver Dicionário Bíblico -Teológico, Loyola, 2000.

misericordiosa fidelidade de Deus, que sempre se antecipa aos rebeldes e leva a bom termo o seu plano.⁷

Outra perspectiva do deserto é que mesmo lembrando as infidelidades do povo, não se pensava em apresentar a estadia no deserto como um castigo; e menos ainda ao se lembraram as maravilhas que marcaram o tempo do noivado de Deus com seu povo, pois esse é o tempo idílico do passado por oposição ao tempo presente de Canaã.

[...] Elias, indo ao Horeb, vai não somente buscar um refúgio no deserto presente, mas o lugar da volta às fontes (1Rs 19). Uma vez que os castigos não bastam para trazer de volta a esposa infiel, Deus irá conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração (Os 2, 16), e será outra vez o tempo do noivado (2, 21s). As maravilhas do passado se embelezam nas memórias: o maná se torna um alimento celeste (Sl 78, 24), um pão de sabores variados (Sb 16, 21). Ora, esses dons são também o penhor de uma presença atual, pois Deus é fiel. É um pai amante (Os 11), um pastor (Is 40, 11; 63, 11-54); (Sl 78, 52). Em vista dessa época em que o povo vive tão próximo de Deus, como não ter plena confiança naquele que guia e alimenta (Sl 81, 11)?⁸

3. 3 O CAMINHO DA BUSCA

O salmista inicia seu poema tendo o deserto como cenário da busca pelo salvador (*2º Deus, tu és meu Deus, eu te procuro. Minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra seca, esgotada, sem água*).

O sofrimento e o desespero, não o impedem de anseiar pelo seu Deus, de modo que o seu desejo de sede, não é por outra coisa, vingança, mas de Deus.

O poeta reconhece que só Deus é capaz de salvá-lo das mãos dos inimigos. Por isso, ele busca a face do altíssimo desde a aurora, desejando contemplá-la todo o dia.

Muitos intentavam contra a vida do rei poeta. Mesmo assim, Davi não parou de cantar por estar no deserto, nem se abandonou a uma ociosidade relaxada repetindo salmos feitos para outras ocasiões; ao contrário, ele cuidadosamente fez seu culto adequado às suas circunstâncias, e apresentou ao seu Deus um hino, confiantemente, um poema, quando estava no deserto.

Quando conferimos neste Salmo, o poeta tendo sua alma suspirando pelo Deus vivo, a fim de este lhe salve a vida, compreendemos que se a vida é o bem mais precioso do

⁷ Ver Vocabulário de Teologia Bíblica, Vozes, 2008.

⁸ Ver a respeito a nota 6.

homem, salvar a própria alma é salvar-se a si mesmo: a alma acaba por designar a pessoa. Nesse sentido, a menção da alma feita pelo rei poeta acentua o gosto e a vontade de viver, lembrando um pouco o caráter imperioso que a sede assume numa garganta ardente (Sl 63, 2).⁹

Buscar a Deus intensamente significa desejá-lo com a alma, tal como o salmista o faz, primeiramente com o coração e posteriormente com os lábios, ao cantar o seu louvor, pois sua esperança é que este canta possa agradar ao seu senhor.

Ora, neste contexto a alma pode ser saciada, ávida e esfaimada, almejando fortalecer-se para poder transmitir a bênção, bem como provar que só em Deus ela encontra seu descanso, já que ao procurá-lo ela se compraz sem reservas, para bendizê-lo eternamente.

A alma do poeta persegue o seu senhor, como uma atitude de afeto. Trata-se de uma atitude de louvor e gratidão do salmista, pelo fato dele se propor a trilhar um caminho de busca do Deus vivo e assim, perseverando, provar da bondade e do amor de Deus.

3. 4 DA BUSCA AO ENCONTRO

Quando o salmista reconhece que sua alma está ligada à Deus, isto nos mostra que não podemos nos separar de seu amor e sua infinita bondade. Ao escutar o apelo de quem o invoca, Deus nos revela sua benignidade e compaixão.

Buscar a Deus é desejar estar em sua companhia e dela não se ocultar em nenhuma circunstância. Ora, Deus deseja que tenhamos sede de buscá-lo sempre. Somos amados por Deus e seu amor nos convida sempre a desejá-lo, assim como o salmista.

A graça divina supera todas as fraquezas humanas, colocando a criatura em sintonia com o criador. Essa graça vale mais do que a vida. Nesta perspectiva, o salmista reforça sua afirmação: “meus lábios proclamam o teu louvor” (V. 4).

A sede passa a ser saciada a partir do momento em que mesmo em pensamento, o diálogo com o Deus da vida passa a ser concreto, pois ele é quem garante a vitória e sacia a alma sedenta e confiante.

A invocação a Deus faz com que o poeta exulte em seu coração e deseje saciar-se como num belo banquete de festa, farto e com cantos de alegria.

⁹ Ver nota 6.

Entretanto, uma vez que o encontro com Deus é efetivado, o salmista jura bendizê-lo enquanto possuir a vida. Ora, esta vida, ainda que ameaçada pelos inimigos é dada por Deus, o criador que está a favor dos perseguidos a fim de garantir-lhes a vitória.

Toda a vida do poeta é sustentada por Deus com mão direita e forte, de modo que somente o pensamento deste rei em Deus, torna o momento real e acessível ao diálogo, possibilitando o encontro.

Deste modo, o auxílio do altíssimo esperado pelo salmista é possível desde o momento em que ele o invoca com o coração e com a alma, em seu leito, esperando e vigiando profundamente pelo seu (*goel*) salvador.

Ao mesmo tempo em que percebe a benevolência de Deus, o salmista parece determinar o destino de seus perseguidores ao afirmar que irão para as profundezas da terra (V. 10-11), entregues aos ao poder da espada, jogados no chão.

Contudo, o rei se alegra esperançosamente, ao saber que é em Deus que sua força deve ser depositada (V. 12), uma vez que todos quantos jurarem por ele serão também favorecidos, diferentemente dos mentirosos, que terão sob a ira do rei poeta, suas bocas fechadas.

CONCLUSÃO

Quando Deus é a melhor resposta para nossos problemas, percebemos que só nele encontramos auxílio. Ora ele não rejeita sua criatura, porque ele é amor. Isso seria uma contradição existencial.

Às vezes, com atitudes impensáveis somos conduzidos por nossos impulsos e fazemos sempre o contrário do que gostaríamos de fazer, principalmente nos momentos em que nos deparamos com dificuldades e não nos dispomos a administrá-las adequadamente com o auxílio divino.

Desejamos ser pessoas fortes, mas nos posicionamos de maneira inferior às nossas dificuldades, provando para nós e para os outros a nossa incapacidade de nos reorganizarmos em Deus, tendo-o como eixo fundamental de nossas vidas.

Frequentemente insistimos em tomar decisões por nós mesmos, acreditando que de modo ríspido e hostil, conseguiremos resolver todos os nossos problemas, muitas vezes criados por nós mesmos.

Estas atitudes são literalmente próprias de pessoas inseguras, que depositam sua confiança em pessoas falíveis, o que reforça cada vez mais a possibilidade de criarmos novos problemas, pois não aprendemos os mecanismos capazes de resolvê-los.

O deus que se cultua na modernidade é o deus do dinheiro fácil, das tecnologias utilizadas de modo inadequado, do consumismo exacerbado, dos contrastes ideológicos e sociais que cada vez mais são objeto de apoio das pessoas.

Todas estas coisas, mal administradas nos atrofiam. São paliativos que nos cercam em nossa condição de maiores, prontos para resolver qualquer situação, porque somos donos da nossa vida e necessitamos nos auto afirmar diante de pessoas, passando por cima de tudo e de todos, prova evidente das inúmeras neuroses desencadeadas em nossa mente.

Perdemos a confiança em nós mesmos e insustentáveis, somos levados a trilhar cominhos que nos afastam de Deus, pois perdemos o bom senso e a perspectiva do estarmos conectados com o criador. Ousamos pensar que podemos ser quem somos fora dele, sem nos recordarmos que só podemos viver a partir dele e nele.

Na Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios, podemos conferir o seguinte:

[...] Sustentados pelo mesmo Espírito de fé, conforme o que está escrito: “Eu creio e, por isso, falei”, nós também cremos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também com Jesus e nos colocará ao seu lado, juntamente convosco”; “E tudo isso por causa de vós...”; Por isso não nos desanimamos. Mesmo se o nosso homem exterior se vai arruinando, o nosso homem interior, pelo contrário, vai-se renovando, dia a dia”.¹⁰

Eis uma grande referência para nós, principalmente quando entendemos, assim como São Paulo interpretou sua carta, intentando demonstrar a grandeza de Deus, bem como seu auxílio dedicado à toda criatura humana. Isso se dá a partir do momento em que, apesar de nossas fraquezas e limitações, depositamos nossa confiança em Deus, sem desânimo, fazendo com que o nosso interior não seja influenciado pelo nosso exterior.

Quando buscamos a Deus, desejamos com todo o nosso ser, encontrá-lo. A partir do momento em que o encontramos, também encontramos a nós mesmos. Ora, Deus é o sentido de toda nossa existência. Nesse sentido, o salmista deseja se encontrar, somando forças, a fim de vencer seus inimigos apoiado na força divina.

¹⁰ Ver 2Cor 4, 13-18-5,1.

Wunibald Müller (2012), citando Thomas Merton (1951:28), afirma que “quando dizia que eu só consigo deveras conhecer-me, também no que tange à minha profunda vocação e destino, quando tiver descoberto Deus: “Se o encontro, então encontro a mim mesmo, e se encontro meu verdadeiro eu, então o encontrei”¹¹.

Deus é amor. Nesta perspectiva, quem permanece no amor, permanece em Deus. O salmista por sua vez, ao desejar o auxílio da graça divina, ao mesmo tempo, desejava permanecer nele. Nisto consiste o desejar estar inteiramente na presença do criador e se dispor aos seus desígnios, principalmente quando se deseja configurar a ele, considerando que ele conhece o mais íntimo do nosso ser, e nos acolhe, desejando-nos.

A vida em Deus é uma vida configurada na essência primordial de todas as coisas. Todavia, não podemos viver fora da realidade divina. Somos de Deus; ele é o nosso auxílio e refúgio, não havendo outra realidade ao qual possamos nos apoiar.

O amor de Deus transcende toda criatura e faz com que ela lhe tenha como sinal de graça, principalmente nos momentos de perigo, tal como o salmista em sua oração de confiança, almejando a intimidade com o altíssimo.

Quando nós somos impulsionados a configurarmos nossa existência a Deus, nos dispomos a vivenciar aquele que sacia nossa sede, não das coisas efêmeras às quais nos deparamos, mas daquilo pelo qual podemos nos deleitar, como que descansados no leito do criador.

Nossa alma deve cada vez mais desejar pelo Deus vivo, a fim de que ele possa ser o refúgio o local de saciedade e prazer, o auxílio nas provações desencadeadas às vezes por nós mesmos.

O ser humano é uma criatura amada de Deus. Nesse sentido o Sl 8, 5-10 nos diz:

[...] Que coisa é o ser humano, para dele te lembrares, o filho do homem para o visitares? No entanto o fizeste só um pouco menor que um deus, de glória e de honra o coroaste. Tu o colocaste à frente das obras de tuas mãos. Tudo puseste sob os teus pés: todas as ovelhas e bois, todos os animais do campo, as aves do céu e os peixes do mar, todo ser que percorre os caminhos do mar.

O universo, povoado pela imensidão dos corpos celestes, manifesta ao mesmo tempo a pequenez do ser humano, insignificante se comparado ao tamanho dos astros, e sua dignidade de rei da criação.

¹¹ Ver “*Deus, quem és Tú?*”, 2012, p. 21.

À pergunta “o que é o homem?” responde-se que ele é o ser que se conhece e não se conhece. É a pergunta, e aquele que pergunta. O orante representa toda a humanidade. Mas a pergunta foi provocada por uma contemplação transcendente e religiosa da criação. O homem é um ser terrestre, um senhor vassalo, capaz de contemplar uma obra de Deus e de dominar outras.

Ainda assim, o criador demonstra seu amor pela criatura. Também no salmo 63, objeto de nosso estudo, Deus escuta o clamor daquele que o invoca sinceramente, livrando-o das amarras do inimigo.

Contudo, não foi sem motivo que a reforma litúrgica prescrita pelo Concílio Vaticano II deu lugar de destaque aos Salmos, por exemplo, introduzindo no rito da missa o Salmo de Resposta entre as leituras. Eles contêm em si toda a Bíblia, como disse Santo Tomás de Aquino. Repetem em forma de oração o que os outros livros inspirados expõem narrando ou exortando. Falam da criação, da história dos patriarcas, do êxodo, da conquista da Palestina, do cativeiro de Babilônia e da espera do Messias. Em contrapartida, no Novo Testamento os Salmos são citados mais de 100 vezes, servindo de fundamentação bíblica pelo fato de serem inspirados pelo Espírito Santo, que intercede por toda criatura humana.

À guisa de conclusão, o salmo 63 se apresenta, para mim, como um modelo de oração profunda, na tentativa de estar sempre em sintonia com o Senhor. Ter sede de Deus, é desejar-lo como a água que sacia a sede, quando estamos no deserto ressequido de nossas vidas, diante das tribulações e perseguições, que não são poucas. Nada senão o Deus da vida pode nos socorrer e nos livrar de nossos inimigos. Só Ele nos sustenta com mão poderosa, nos acolhendo principalmente quando o invocamos, em qualquer momento de nossa existência. Todo o nosso ser, corpo e alma, deve procurá-lo, porque nossa vida só tem sentido se depositarmos toda nossa confiança naquele que confia em nós e também está sedento de nossa busca por ele. Devemos sempre nos apoiar em Deus, que merece todo o nosso louvor.

Bendizer a Deus é desejá-lo com toda a nossa alma que nunca deve descansar enquanto não nos voltarmos para Ele, tendo-o como o centro de nossas vidas, pois só Ele é capaz de demonstrar sua fidelidade e amor eterno para conosco.

Saciar-se de Deus, é deixar-se transbordar pela sua graça, confiando em sua ação misteriosa e real, unindo-se somente a ele, a força que nunca decepciona.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA de Jerusalém: Introdução aos Salmos. São Paulo: Paulus, 2000, p. 942-3.
- BÍBLIA: tradução ecumênica – TEB. São Paulo: Loyola, 1995.
- BÍBLIA Sagrada. Trad. CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2010.
- BÍBLIA Sagrada., São Paulo: Ed. Pastoral, Paulus, 1990.
- DICIONÁRIO de Termos Teológicos Fundamentais do Antigo e do Novo Testamento: Angelica Berlejing; Christian Frevel (Orgs.). Trad. Monika Ottermann, Loyola, São Paulo, 2011.
- FARIA, Jacir de Freitas (Org.) . *História de Israel e as pesquisas mais recentes* – História de Israel nos Salmos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 145-178.
- NOVO DICIONÁRIO de Teologia . Juan José Tamayo (Org). São Paulo: Paulus, 2009.
- SHÖKEL, Luis Alonso: *Salmos I*, 1-72 (Versão Portuguesa). São Paulo: Paulus, 1996, p. 829-836.
- _____. *BÍBLIA do Peregrino*, 2. São Paulo: Paulus, 2006.
- RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi* – Commento e Attualizzazione, vol. II (51-100). Bologna: Edizioni Dehoniane, 2002, p. 261-285.
- VOCABULÁRIO de Teologia Bíblica: Xavier Léon-Dufour, SJ. Trad. Fr. Simão Voigt, OFM. Colaboração Internacional de 70 exegetas de língua francesa. Petrópolis: Vozes, 2008.
- WEISER, Artur. *Os salmos* – Grande Comentário Bíblico; São Paulo: Paulus, 1994, p. 338-340.
- <http://www.igrejaredencao.org.br/ibr/index>**.

(Recebido em junho de 2015; aceito em julho de 2015)